Putin é a peça-chave em crise da Crimeia

Analistas veem radicalização no presidente, que poderia expandir anexação de regiões da ex-URSS

DEBORAH BERLINCK
Correspondente na Europa
deborah.berlinck@oglobo.com.br

-GENEBRA- Vladimir Putin está com as cartas nas mãos. No auge do poder e com a popularidade em alta, o presidente da Rússia provocou o mais sério confronto com o Ocidente desde a Guerra Fria ao ocupar, no dia 27, a Península da Crimeia — um território da vizinha Ucrânia — sob a alegação de que a população russa residente na região estava em perigo. A ação levou-o de volta ao cenário internacional como o homem que detém a chave de mais uma crise. Recentemente, Putin já fora o coringa na crise do Ocidente com o Irã e a Síria. Onde ele vai parar?

Vladislav Inozemtsev, professor de Economia da Universidade Estatal de Moscou e diretor do Centro para Estudos Pós-Industriais na capital russa, teme o pior. O presidente russo, com um poder praticamente vertical, é imprevisível.

— Putin atualmente está muito radical. Talvez não pare na tomada da Crimeia — alerta ele, acrescentando que o apoio dos russos à anexação da Crimeia é "esmagador", beirando os 90%.

Na Ucrânia, é dado quase como certo que os russos da Crimeia optarão maciçamente pela união à Rússia no referendo de amanhã. Eles são maioria na península: 58% da população.

— Putin vai explorar qualquer possibilidade para expandir o poder russo e seu território. Ele está obcecado com a ideia de uma Rússia grandiosa. Seu eleitores querem isso — afirma Inozemtsev.

'RÚSSIA NÃO PERDEU A GUERRA FRIA'

O cálculo do Kremlin é que o Ocidente não vai se arriscar num confronto militar com uma potência nuclear como a Rússia por causa da Ucrânia. Moldado pela União Soviética como agente do antigo serviço de inteligência KGB, Putin parte do princípio de que a Rússia é diferente do Ocidente — e assim deve seguir. O Kremlin defende um mundo multipolar, em que a Rússia seja tratada como potência, e não como uma derrotada da Guerra Fria.

A Rússia se sentiu traída quando a União Europeia estendeu o bloco até sua fronteira, instalando bases militares da Otan em países bálticos da antiga União Soviética, isto é, na sua porta. Hoje, a aliança militar é vista por Putin como principal adversária.

Em entrevista ao GLOBO, o embaixador da Rússia na ONU em Genebra, Alexey Borodavkin, disse que o Ocidente quebrou várias promessas do passado.

— Estão agindo como se a Rússia tivesse sido derrotada na Guerra Fria. E isso não é verdade. Fomos nós que escolhemos este caminho (a transição democrática). Tínhamos outras alternativas — afirmou.

Isso explicaria, em parte, a crescente desconfiança de Putin com o Ocidente. O Kremlin acusa americanos e europeus de terem incitado a Revolução Rosa na Geórgia em 2003 e a Revolução Laranja na capital da Ucrânia em 2004. Moscou ainda atribui ao Ocidente o financiamento e incentivo de protestos na própria Rússia. A derrubada do presidente ucraniano pró-russo Viktor Yanukovitch por opositores foi, para os russos, um "golpe de Estado" orquestrado pela Europa. Imaginar agora uma aproximação da Ucrânia com a UE foi o estopim.

— Para muitos russos e especialmente o Kremlin, Ucrânia e Rússia são inseparáveis. Eles não veem a Ucrânia como parte da UE, e muito menos consideram que a Ucrânia abrigue uma base da Otan — aponta Anna Beitne, pesquisadora do Instituto de Questões Internacionais da Letônia (ex-república soviética, hoje na UE).

BLOCO SOVIÉTICO A CAMINHO

Beitne vê três correntes na Rússia de Putin: uma minoria elitista de "liberais pró-Ocidente"; os "estatistas pragmáticos", que aceitam cooperar, mas sem subordinação ao Ocidente; e os "eurasiáticos fundamentais", que desafiam a liderança ocidental e querem uma Rússia hegemônica no antigo espaço soviético. Para Beitne, Putin é um "estatista pragmático", mas ela prevê mudanças na política externa do Kremlin por conta dos eventos na Ucrânia e das sanções anunciadas pela UE.

— Provavelmente vai haver uma virada rumo à Ásia, com mais relações com a China. A Europa continuará como parceira econômica importante, mas haverá desconfiança e problemas — avalia.

Putin, enquanto isso, tenta construir sua versão local da UE, a ser lançada em 2015. Para Beitne, trata-se de uma recriação alternativa da União Soviética. Os russos rebatem.

— Não queremos reconstruir o império soviético. Seria uma ideia maluca. Buscamos algo como uma UE no espaço da antiga União Soviética. Entendemos que, neste enorme espaço continental, ex-repúblicas soviéticas têm uma necessidade social e econômica natural de integração (com a Rússia). É para o benefício deles — justifica o embaixador russo.

Julien Nocetti, pesquisador do Instituto Francês de Relações Internacionais (Ifri), diz que Putin reforçou sua popularidade com os russos ao posar como "um homem sozinho contra o resto do mundo". E vê uma evolução do regime para uma "personificação e glorificação de Putin", com viés autoritário. Mas alerta para o risco de que, com empresas endividadas e o rublo em crise, o presidente possa pagar um preço alto se a economia piorar mais à frente.

O economista Inozemtsev é ainda mais enfático: diz que a Rússia depende muito mais da Europa do que o contrário, e que se ela for impedida de vender petróleo e gás para os europeus, "quebrará em um ano". ●

DIVULGAÇÃO/DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

Sem acordo. Chanceler russo (esquerda) conversa com o secretário de Estado dos EUA em Londres: Rússia insiste na consulta sobre a Crimeia

SERGEI SUPINSKY/AFP

Manobras. Soldados ucranianos participam de exercício militar perto de Kiev: Parlamento aprovou criação de Guarda Nacional para reagir a ofensiva russa

EUA e UE preparam sanções contra a Rússia

Kerry e Lavrov falham em consenso sobre a Crimeia, e Moscou pressiona Ucrânia

-KIEV E MOSCOU - O encontro entre o secretário de Estado americano, John Kerry, e o chanceler russo, Sergei Lavrov, reforçou ontem o clima que domina a crise da Ucrânia: falta de consenso. Os dois saíram de uma reunião em Londres — a quarta entre eles em oito dias — sem uma visão comum sobre o referendo que decidirá a anexação da Península da Crimeia à Rússia. A dois dias da consulta, o Ocidente subiu o tom das ameaças e já tem uma lista de sanções que seriam aplicadas ao país comandado por Vladimir Putin a partir de segunda-feira. Moscou, por sua vez, ignora as repreensões e insiste na legalidade do referendo. Tanques e tropas russas voltaram a demonstrar força ontem com novas manobras realizadas na fronteira com a Ucrânia.

A conversa entre Kerry e Lavrov aconteceu um dia depois de o Conselho de Segurança da ONU falhar em conseguir aprovar uma resolução de ilegalidade sobre o referendo na Crimeia — a Rússia vetou. Em Londres, foram seis horas de "negociações diretas e francas", mas carentes de acordos. Kerry reiterou que a comunidade internacional não reconhecerá o referendo marcado para amanhã e lançou novas advertências a Moscou.

— Se a Rússia estabelecer fatos no terreno que aumentem as tensões ou ameacem o povo ucraniano, obviamente isso vai requerer uma resposta ainda maior e terá custos — disse ele.

Lavrov, por sua vez, desmentiu que a Rússia deseje iniciar uma guerra na região.

— A Rússia não tem, e não pode, ter planos de invadir a região sudeste da Ucrânia — afirmou o chanceler, enquanto as tropas russas se acumulam do outro lado da fronteira.

NOVOS TEMORES SEPARATISTAS

Horas antes, Moscou ameaçara intervir na Ucrânia, justificando que as "autoridades de Kiev não controlam a situação no país". A declaração veio no dia seguinte a violentos confrontos em Donetsk, no Leste pró-russo da Ucrânia, que terminaram com a morte de um simpatizante da unidade do país. "A Rússia tem consciência de sua responsabilidade sobre a vida de seus concidadãos e compatriotas na Ucrânia e se reserva o direito de protegê-los", afirmou o Ministério das Relações Exteriores da Rússia num comunicado. A polícia ucraniana prendeu quatro pessoas acusadas de incentivar os enfrentamentos entre manifestantes.

Estes foram o pior incidente de violência na ex-república soviética desde a derrubada do presidente pró-Rússia Viktor Yanukovich, no mês passado. A tensão aumentou ainda mais ontem, depois que a companhia estatal russa de armamentos Rostekhnologuii (Rostec) afirmou que um avião não tripulado dos EUA foi interceptado sobrevoando a Crimeia. "O drone estava voando a cerca de 4.000 metros, praticamente invisível a partir do chão. Foi possível quebrar a ligação com seus operadores americanos graças a um complexo combate radioeletrônico", disse a empresa num comunicado.

Os efeitos da crise ultrapassam os limites da Península da Crimeia. Alimentando os temores de um desmembramento da Ucrânia, militantes pró-Rússia da cidade de Kharkiv anunciaram que também preparam um referendo separatista concomitante com o da Crimeia. ●

NA WEB
http://glo.bo/0dXkxd
Ex-repúblicas soviéticas temem seguir caminho da Ucrânia

SANÇÕES NA MESA

SUSPENSÃO DO G-8
Líderes das principais economias ocidentais do G7 suspenderam os preparativos para a cúpula do G8 deste ano com a Rússia, em Sochi. A ação é simbólica, mas será negativa para a imagem de investimentos globais da Rússia.

FORA DA OCDE
A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) congelou as negociações para a entrada da Rússia no grupo, em andamento desde 2007.

BENS CONGELADOS
O presidente dos EUA, Barack Obama, autorizou o bloqueio de bens nos EUA pertencentes a altos funcionários, parlamentares e empresas russas que tenham contribuído para minar a democracia ucraniana, ameaçar sua paz, segurança e soberania. O Departamento de Estado americano ainda proibiu os responsáveis por essas ações de viajarem aos EUA.

EMBARGO DE ARMAS
A hipótese de embargar a exportação de armas à Rússia foi contemplada por políticos da UE, embora encontre resistência de países como a França.

REGRAS MAIS RÍGIDAS
O Ocidente pode aumentar o rigor em relação à Rússia na aplicação de leis já existentes, como sobre lavagem de dinheiro. A natureza de falta de transparência de muitas empresas russas as torna vulneráveis a essa represália.

GAZPROM
Outra forma de a UE elevar a pressão seria aplicar suas regras de concorrência no mercado de energia à Gazprom. O ato poderia dificultar o funcionamento do gasoduto que liga a Rússia ao sudeste da Europa e sua extensão ao extremo Norte, prejudicando as exportações russas e os lucros da Gazprom.

EXEMPLO DO IRÃ
Bancos russos poderão estar sujeitos a amplas sanções financeiras semelhantes às que foram adotadas aos bancos iranianos sobre seu programa nuclear. Tais punições incluíram cortar os bancos do Irã do sistema de transações internacionais, o SWIFT, o que afetou sensivelmente o alcance de suas operações. Bancos que servem a operações do governo russo na Crimeia são os que correm maior risco.

ALTERNATIVA AO GÁS
Apesar do ceticismo de que a UE, maior mercado das exportações de energia da Rússia, consiga rapidamente encontrar substitutos, a continuidade das tensões em torno da Ucrânia pode estimular a busca de países europeus em busca de fontes alternativas de gás e outros, com consequências drásticas a longo prazo para as exportações e a economia da Rússia.